

**FAZER MUSICAL NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO:
IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ANA ERMINIA PIRES**

DIPE, HELENA MARIA DOS SANTOS FELÍCIO. Universidade Federal de Alfenas

(UNIFAL-MG), ana.dipe@sou.unifal-mg.edu.br, helenafelicio@unifal-mg.edu.br

Eixo Temático: Formação de Professores

**MAKING MUSIC FROM THE PERSPECTIVE OF HUMAN DEVELOPMENT:
IMPLICATIONS FOR TEACHER TRAINING**

Resumo: Este trabalho analisa as contribuições das atividades curriculares que contemplam o ensino da música para a formação inicial de professores sob a perspectiva do desenvolvimento humano. A problemática parte do entendimento de que, embora a música esteja presente no cotidiano escolar, sua inserção na formação docente ocorre de maneira limitada. Tal cenário pode comprometer a constituição dos saberes pedagógico-musicais necessários à atuação qualificada, especialmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentada na Teoria Histórico-Cultural a pesquisa compreende a música como linguagem cultural, experiência humana e dimensão formativa essencial para processos de expressão, imaginação, sensibilidade estética e apropriação cultural. Trata-se de um estudo de mestrado, com análise de informações sob a perspectiva construtivo-interpretativa. O lócus da investigação é o curso de Pedagogia da UNIFAL-MG. Os procedimentos envolvem observação e entrevistas com discentes na disciplina “Música e Educação” e no Projeto de Extensão “Fazer Musical”. Espera-se que os resultados contribuam para o enriquecimento da formação docente e do debate curricular, contrapondo-se à lógica instrumental contemporânea de mera aquisição de habilidades. A música se reafirma como atividade vital e mediação estética na formação das funções psicológicas superiores, consolidando-se como direito inalienável ao desenvolvimento do pensamento, da sensibilidade e da consciência crítica.

Palavras-chave: Formação Inicial de Professores; Educação Musical; Desenvolvimento humano; Teoria Histórico-Cultural.

Abstract: This study analyzes the contributions of curricular activities involving music education to initial teacher training, viewed through the lens of human development. The research addresses the issue that, although music is part of daily school life, its inclusion in teacher training remains limited. This situation may hinder the development of the pedagogical-musical knowledge required for competent professional practice, particularly in Early Childhood Education and the early years of Elementary Education. Grounded in Historical-Cultural Theory, the research views music as a cultural language, a human experience, and an essential formative dimension for processes of expression, imagination, aesthetic sensibility, and cultural appropriation. This is a master's study employing a constructive-interpretative approach to data analysis. The investigation focuses on the Pedagogy program at UNIFAL-MG. Methodological procedures include observation and interviews with students enrolled in the "Music and Education" course and the "Fazer Musical" (Making Music) extension project. The findings are expected to enrich teacher training and the curricular debate, challenging the contemporary instrumentalist logic that prioritizes the mere acquisition of skills. Music reaffirms itself as a vital activity and an aesthetic mediator in the formation of higher

psychological functions, establishing itself as an inalienable right for the development of thought, sensibility, and critical consciousness.

Key words: Initial Teacher Education; Music Education; Human Development; Historical-Cultural Theory.

Introdução:

Este trabalho é parte de estudo de mestrado que está no início do seu desenvolvimento que intenciona analisar as contribuições das atividades curriculares que contemplam o ensino da música para a formação inicial de professores sob a perspectiva do desenvolvimento humano.

A formação inicial de professores constitui um dos principais desafios da educação contemporânea, especialmente diante das crescentes exigências impostas ao exercício da docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, torna-se imprescindível refletir sobre os processos formativos oferecidos pelos cursos de Pedagogia, considerando que a constituição da identidade docente ultrapassa a aquisição de conhecimentos técnicos e metodológicos, envolvendo também o desenvolvimento das dimensões cultural, estética, ética e humana.

Entre os diferentes campos do conhecimento que integram a formação docente, a música ocupa lugar de destaque por constituir uma linguagem artística capaz de promover experiências de criação, expressão, a sensibilidade da escuta sensível, imaginação, apropriação da cultura produzida historicamente pela humanidade. Entretanto, apesar do reconhecimento de sua importância na legislação educacional brasileira, e nos documentos curriculares nacionais, observa-se que o ensino da música ainda ocupa espaço reduzido na formação inicial dos pedagogos, sendo frequentemente tratado de maneira pontual, fragmentada, secundária ou ausente.

Ao considerarmos as atuais Diretrizes Curriculares para a formação de professores (Brasil, 2024), ela advoga que os professores devem dominar os direitos de aprendizagem da Educação Básica relativos à etapa de escolarização com os quais eles trabalham. No caso de um professor generalista (como o egresso da Pedagogia), isso significa apropriar-se com solidez dos fundamentos da alfabetização, do letramento, do pensamento matemático-científico inicial, história, geografia e das manifestações artísticas e corporais.

No caso da Música, de forma específica na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, espera-se que eles saibam trabalhá-la de forma integrada. Entretanto, defendemos que essa forma integrada não corresponde à utilização da música enquanto recurso pedagógico,

mas como objeto de conhecimento, o que requer a aproximação aos elementos constitutivos da música, enquanto objeto de conhecimento.

Essa realidade suscita importantes questionamentos acerca das oportunidades oferecidas aos futuros professores para compreenderem a música como linguagem, conhecimento e instrumento de desenvolvimento humano. Quando ausente ou desenvolvida de forma superficial durante a graduação, limita-se também a possibilidade de que esses profissionais incorporem práticas musicais significativas em sua futura atuação docente, restringindo experiências fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças.

Refletindo sobre essas questões, Felício e Garcia (2026) apresenta um estudo no qual busca identificar as propostas para o Ensino de Música nos cursos de Pedagogia dos institutos federais e das universidades públicas brasileiras de Minas Gerais, tendo em vista possíveis contribuições na formação de professores para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, etapas de escolarização em que a Música desempenha um papel importante.

Neste estudo, constatou-se a ausência e/ou a imprecisão da Música enquanto linguagem artística formativa nos projetos pedagógicos dos cursos de Pedagogia analisados, o que fragiliza a formação do profissional da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que terá a Música fortemente presente em seu cotidiano de trabalho.

De igual modo Aquino (2006) já havia indicado que, apesar de a música se fazer amplamente presente no cotidiano escolar por meio de canções, brincadeiras e atividades lúdicas, sua inclusão na formação inicial de professores, nomeadamente, dos egressos do curso de Pedagogia, ainda é frágil e pouco estruturada, evidenciando uma contradição entre a utilização recorrente de recursos musicais na prática pedagógica e a pouca ênfase dada à música como um objeto de conhecimento. Assim, a fragilidade de uma formação musical tende a gerar um efeito dominó, em que a marginalização da música no currículo de formação de professores tem um impacto direto no trabalho com a música no cotidiano escolar, sobretudo na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Neste sentido, ao concordamos com Fonterrada (2008) quando afirma que ao ser integrada ao currículo escolar a Música deve ser o “espaço de inserção da arte na vida do ser humano, dando-lhe possibilidade de atingir outras dimensões de si mesmo e de ampliar e aprofundar seus modos de relação consigo próprio, com o outro e com o mundo” (p. 117). Deste modo, entendemos que antes de trabalhar com a música, o futuro professor precisa vivenciá-la. Assim, o estudo em desenvolvimento preconiza compreender e trazer respostas para a seguinte indagação: De que maneira as atividades curriculares que contemplem o Ensino de Música, na perspectiva do desenvolvimento humano, desenvolvidas no curso de Pedagogia podem

contribuir para a formação dos futuros professores e suas possíveis reverberações em práticas pedagógicas para o cotidiano escolar?

Considerando que esta pesquisa ainda está em sua fase inicial, optamos por apresentar neste congresso e, nomeadamente, compor o texto com algumas reflexões teóricas sobre a relação entre o fazer musical e o desenvolvimento humano e suas possíveis reverberações na formação inicial de professores.

Fazer Musical e Desenvolvimento Humano na Formação de Professores:

Ao indicarmos como objetivo de estudo a relação entre o fazer musical e o desenvolvimento humano na formação inicial de professores, queremos evidenciar como afirma Swanwick (2003) a importância da qualidade da experiência musical no “aqui e agora”, de modo que seja possível entender que a música, enquanto linguagem, promove e enriquece nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo.

O mesmo autor afirma que “a música é uma forma de discurso tão antiga quanto a raça humana” (SWANWICK, 2003, p. 18). Neste sentido, se ela se manifesta historicamente como um discurso coletivo essencial para a espécie, seu ensino tanto na escola regular como na formação inicial e continuada de professores, não pode ser negligenciado, mas garantido e oportunizado como uma ferramenta fundamental de apropriação cultural, de humanização e, consequentemente, de desenvolvimento.

No caso específico deste trabalho que contempla a formação inicial de professores em Pedagogia, identificamos que o debate sobre a inclusão da música neste processo tem ganhado destaque. Estudos indicam que, apesar da música estar bastante presente nas atividades escolares, sua inclusão na formação de professores ainda é restrita ou fragmentada, frequentemente desconectada de debates mais abrangentes sobre musicalização e linguagem musical (Aquino, 2006).

Ao analisar a formação em Pedagogia, a mesma autora destaca essa realidade como uma contradição significativa: embora educadores(as) utilizem com frequência músicas, cantigas e brincadeiras musicais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os cursos de formação inicial nem sempre proporcionam experiências sistematizadas voltadas ao ensino de Música. Para ela, essa fragilidade pode levar à insegurança dos professores e ao uso limitado da música, restringindo-a em estratégias para recreação, recursos para memorização ou organização da rotina escolar (Aquino, 2006).

Sob a perspectiva educacional, a música é assumida enquanto uma das linguagens artísticas e, portanto, como um direito de aprendizagem na Educação Básica. Entretanto, Penna

(2015) também ressalta que a inadequação da formação docente em música é um dos principais obstáculos para a implementação de práticas musicais efetivas na educação básica. Essa lacuna formativa muitas vezes resulta em práticas pedagógicas em que a música é utilizada como estratégia, distanciando-a de sua função enquanto área de conhecimento que propicia a conexão do indivíduo consigo mesmo (suas emoções), com os outros (sociedade) e de conectar o presente ao passado (memória e cultura) e, portanto, que impulsiona o desenvolvimento humano.

Ao considerarmos neste estudo o curso de Pedagogia, estamos tratando de uma formação para o exercício polivalente da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ou seja, um único professor(a) é responsável por trabalhar com todas as áreas de conhecimento estabelecidas pela política curricular, atualmente pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017).

Para além de desenvolver um trabalho pedagógico com as áreas de Português, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, a área de Artes ainda está subdividida em quatro linguagens, a saber: Música, Teatro, Dança e Artes Plásticas. Esse espectro evidencia, por um lado, a complexidade da formação deste professor e, por outro, a impossibilidade de ser “especialista” em todas as áreas.

A consequência direta dessa diversidade curricular que o professor(a) dos segmentos escolares supracitados é, frequentemente, o esvaziamento epistemológico da Arte na escola. Diante da impossibilidade de aprofundamento, as linguagens artísticas, nomeadamente a Música, tendem a ser instrumentalizadas ou reduzidas às atividades recreativas e decorativas, como já foi indicado. Perde-se, com isso, a oportunidade de desenvolver o pensamento estético, a sensibilidade e a cognição musical em sua plenitude.

Para o trabalho com a Música nessas etapas de escolarização, concordamos com Gonçalves e Pederiva (2019) quando defendem a necessidade de conceber a música como uma atividade calcada na “unidade educação-música voltada para a educação do desenvolvimento da musicalidade das pessoas” (p. 19), o que é distinto da formação técnica e performática exigida aos profissionais da música e/ou instrumentistas. Muito pelo contrário, a atividade educativa com a Música na escola vai para além do ensino de uma técnica instrumental. A compreensão de uma linguagem musical que privilegia a percepção auditiva, o senso rítmico, a memória musical, a coordenação motora mediada pela pulsação, as qualidades do som como: altura, timbre, duração, intensidade, são elementos considerados fundamentais para uma educação musical na perspectiva do desenvolvimento humano.

Deste modo, a compreensão do fazer musical como elemento constitutivo do desenvolvimento humano, fundamenta-se na perspectiva Histórico – Cultural, que concebe o ser humano como sujeito que se constitui nas relações sociais e na apropriação da cultura historicamente produzida. Nessa perspectiva, a aprendizagem não se reduz à aquisição de conteúdos, mas representa um processo de transformação do sujeito por meio das interações sociais, das experiências culturais e da mediação realizada por outros indivíduos.

Entre os principais autores que sustentam essa concepção destaca-se Vigotski (2007), para quem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre mediante a participação do sujeito em práticas sociais culturalmente organizadas. O autor compreende que toda aprendizagem é mediada pela linguagem, pelos instrumentos culturais e pelas relações estabelecidas com outras pessoas. Dessa forma, advogamos que a educação musical assume papel fundamental na promoção do desenvolvimento humano ao possibilitar o acesso aos conhecimentos produzidos nessa área que tanto sentido oferece à humanidade.

De igual modo, entender a música com um elemento que favorece o desenvolvimento humano, requer em um primeiro momento, tomar consciência de que ela é uma forma de linguagem, culturalmente construída, através da qual comunicamos afetos, emoções e sensações, sentimentos e pensamentos que também podem afetar aqueles que a ouvem. Neste sentido, o “outro” é fundamental para a compreensão desta linguagem musical e do desenvolvimento do pensamento que, para Vigotski (2007) é uma das questões centrais para o desenvolvimento humano.

Para o autor, o desenvolvimento humano é precedido pela aprendizagem. Ela não é inata. Aprendemos porque temos necessidades, porque recebemos estímulos, porque somos provocados externamente. Ou seja, a mediação de diferentes sujeitos é essencial para a aprendizagem dos objetos da cultura. Sendo a linguagem musical um desses objetos culturais, sua apropriação só se concretiza quando o sujeito percebe e compreende o seu signo e o seu significado. Esse processo se constitui como uma ação mediada, de caráter externo e não interno ao sujeito, uma vez que este precisa ser formalmente apresentado ao objeto de significação, que no caso, a música.

Ao ser um processo de caráter externo, a aprendizagem da linguagem musical, segundo Cerveira (2017), requer um ato educativo que demanda um processo de mediação e de conscientização, de interação, de troca e de relação com o meio, que não se reduz a apresentação de ritmos e melodias, mas que se efetiva em conferir ao sujeito a “oportunidade de tornar-se sensível aos eventos sonoros que a cercam, ajudá-la a “escutar o mundo” e dialogar com ele” (p. 53). Neste sentido, considerando o espaço escolar, o(a) professor(a) atua como sujeito

mediador responsável por organizar e propor experiências educativo-musical que estimulem a criatividade mediante a utilização de todas as possibilidades sonoras que se apresentam diante dele, como momento da descoberta e da experimentação.

Deste modo, a música enquanto atividade educativa deve ser assumida como

processo de organização do espaço educativo intencionalmente estruturado em uma prática colaborativa, para trocas de experiências, em meio à vivências de percepções, compreensões, emoções, expressões e criações musicais que criam condições de possibilidade para o desenvolvimento da musicalidade de pessoas musicais histórico-culturalmente constituídas, por meio de um processo educativo de aprofundamento consciente e da possibilidade de autorregulação do comportamento musical. (PEDERIVA; GONÇALVES, 2018, p. 315)

Para que isso seja possível, é fundamental criar ambientes educativos que possibilitem a criação e a vivência musical de maneira ampla e inclusiva, favorecendo o desenvolvimento dos estudantes e estimulando suas capacidades criativas. Mas como que o(a) professor(a) formado(a) em Pedagogia, com uma formação distinta da dos especialistas, pode realizar um trabalho dessa natureza?

Para tanto, é desejável que essa forma de compreender a educação musical esteja presente no processo de formação inicial de professores em Pedagogia. Deste modo, concordamos com De Carvalho e Fonseca (2025, p. 330), quando afirmam que o(a) professor(a) não precisa ter domínio sobre todos os conhecimentos, mas propor uma “ação pedagógico-musical que envolve a interação entre a música, saberes, as possibilidades de criar música e as formas de ensinar e aprender”. Ou seja, de acordo com as autoras, professores formados em Pedagogia podem tornar a música presente e significativa para os estudantes, desde que também façam a experiência musical em seu processo de formação, a fim de que, em situação de atividade profissional possam por meio de atividades intencionalmente planejadas mediar a experiência musical historicamente constituída e voltada para o desenvolvimento da musicalidade, conseqüentemente, o desenvolvimento humano.

Deste modo, ao relacionar tais pressupostos à formação inicial de professores, compreende-se que a instituição formadora, no caso a Universidade, desempenha papel essencial na constituição da identidade docente. Formar professores significa possibilitar experiências que articulam conhecimento científico, cultura, sensibilidade, criatividade e reflexão crítica, superando modelos de formação centrados exclusivamente na racionalidade técnica. Nesse contexto, o fazer musical apresenta-se como possibilidade de uma experiência

formativa capaz de favorecer o desenvolvimento da escuta, da cooperação, da expressão, da imaginação e da criatividade, dimensões fundamentais para a atuação docente.

A música, entendida como prática social e linguagem cultural, amplia as possibilidades de mediação pedagógica e contribui para a construção de ambientes educativos mais participativos e humanizadores. Ao vivenciar experiências musicais, os futuros professores ampliam seus repertórios culturais, desenvolvem novas formas de perceber os processos educativos e ressignificam suas concepções sobre ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano.

Considerações Finais:

As discussões teóricas e os dados preliminares de literatura mobilizados neste trabalho evidenciam que a formação inicial de professores enfrenta um paradoxo estrutural. Embora a música esteja amplamente presente no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o seu ensino seja reconhecido legalmente nos currículos prescritos, a sua inserção na formação inicial permanece marginalizada, fragmentada ou ausente.

Sob a lente da Teoria Histórico-Cultural, compreende-se que a apropriação da linguagem musical não ocorre de forma espontânea, mas demanda processos de mediação intencionais e culturalmente estruturados. Para que futuros professores atuem como mediador do ensino da linguagem musical na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, é imperativo que eles vivenciem a música primeiramente como objeto de conhecimento e reconheçam sua dimensão humanizadora durante a sua formação. Trata-se de oferecer espaços e tempos para que o docente em formação desenvolva sua própria musicalidade, sensibilidade estética e capacidade crítica. O que requer problematizar o currículo de formação inicial de professores de modo que as diferentes linguagens do campo da Artes, sobretudo a música (considerando a particularidade deste estudo), sejam contempladas na sua organização.

Sendo este um estudo em fase inicial de desenvolvimento, os passos subsequentes desta pesquisa de mestrado focarão na investigação empírica de duas atividades curriculares que contemplem a Educação Musical, desenvolvidas no segundo semestre de 2026, em um determinado curso de Pedagogia. Nela, buscar-se-á compreender como essas práticas formativas podem ser reestruturadas na perspectiva do desenvolvimento humano, gerando subsídios teóricos e metodológicos que auxiliem os futuros professores a ressignificarem a presença da arte e da música no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, T. L. **A música na formação inicial do pedagogo: embates e contradições em cursos regulares de Pedagogia da região Centro-Oeste**. 2006. Trabalho apresentado em evento científico da área de Educação Musical.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CERVEIRA, R. B. **A musicalização na educação básica: da ação técnica ao desenvolvimento humano**. Dissertação de Mestrado. Alfenas, MG, 2017.

DE CARVALHO, S. L.; FONSECA, M. P. Entre sons e saberes: O papel do pedagogo em integrar a música nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Mosaico: Processos criativos em música e em artes do som**. Pelotas, RS, v.2 - n.1, 2025, p. 318-349.

FELÍCIO, H. M. S.; GARCIA, R. M. S. **A educação musical nos dispositivos legais da educação brasileira e sua reverberação no currículo dos cursos de Pedagogia**. Atas AFIRSE, 2026. (no prêlo)

FONTEERRADA, M. T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GONÇALVES, A. C. A. B; PEDERIVA, P. L. M. A unidade educação-música: Educação Musical na Teoria Histórico-Cultural. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 39, n. 107, p. 19-30, jan/abr, 2019.

PENNA, M. **Educação musical: debates e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.